

Editorial

E-ISSN 2764.4669

A LUZ EM CENA

Revista de Pedagogias e Poéticas Cenográficas

Florianópolis,
v.1, n.03,
jul. 2022

UDESC | CEART

ppgac

L U Z
LABORATÓRIO

CAPES

 DOI: <http://dx.doi.org/105965/27644669010320220101>



Ritos da lua

Dodi Tavares Borges Leal¹

Na calada e cálida noite ela é a rainha. Lua é luz. Noite é o imenso espaço cênico.

Kalunga Grande do céu e do mar, a escuridão profunda é penetrada por raios de lua.

A ciência física lida com a assertiva de que a "lua não tem luz própria", reflete a luz do sol. Estaria a ciência física desencantando a lua? Luz e lua são provenientes do mesmo mistério.

A encantaria teatral da lua tem ritos de luz. Sua passividade requer paciência. Pode até refletir o sol. E reflete mesmo. A luz origina do sol e, ao se desprender dele e, ao mesmo tempo, ao refleti-lo, ela se recria em outras matérias que tem luz própria. Ainda que em breu, na miúda, o sol vem destacar.

E nesta baixa frequência, há lições de luz da cena para aprendermos. A variação canceriana de humor, a retração e a repressão, o lirismo e a compulsividade, o melodrama e a pureza, a gota e a gruta. As qualidades de luz da lua são ritos de cena que conferem visualidade ao espetáculo das intimidades, das memórias, das assombrações e fantasmagorias.

Fria. Aquosa. Empretecida e embranquecida. Companheira. Reservada. Minguante de si. Crescente de si. Nova de si. Cheia de si.

A pedagogia da lua é iluminação cênica notiva. Deixando a notícia para a manhã de sol, a informação lunar é a vibração das visualidades teatrais do inconsciente errático, da imaginação febril, dos sonhos proibidos, dos pesadelos ensurdecadores, do sonambulismo anti-cívico, do parlamento apátrida, da municipalidade ineducada.

Lua é brisa e sol é brasa. Se o Brasil fosse mais da luz lunar seria Brisil. Entretanto, ***a pátria da a-luz-cis-nação é a campeã mundial há 13 anos consecutivos de mortes de luzvestis.***

¹ Professora do Centro de Formação em Artes (CFA) e do Instituto de Humanidades, Artes e Ciências (IHAC) - Campus Sosígenes Costa (CSC) - Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB), na área de Artes Cênicas. É docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Ensino e Relações Étnico-Raciais (mestrado profissional) - PPGER/UFSB e colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Teatro - PPGT/UDESC. É co-coordenadora do GT Mulheres da Cena da ABRACE - Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas. Líder do Grupo de Pesquisa PEDAGOGIA DA PERFORMANCE: visualidades da cena e tecnologias críticas do corpo UFSB/CNPq e vice-líder do Grupo de Pesquisa Protocolos de Convivialidade UEM/CNPq. Doutora em Psicologia Social pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IP-USP).



Os profundos ritos da luz são ritos da lua. E podem até ser companheiras do sol. Haja paciência. E haja luz. A compreensão da iluminação solar deve esperar da luz da lua um tempo não linear. O sol tem luz dura. Abranda e fortifica a temperatura diariamente, mas não se ritifica sincopadamente como a lua. Sol não mingua a si. Sol não tem crescente-nova. Sol é permanentemente lua cheia. Apenas entra e sai de cena.

Um refletor na vara de luz do céu, a gravidade em tensão com a Terra, a lua é uma luz que vibra no peito de quem está na superfície do planeta. Você pode olhar a luz no céu ou a luz no peito, é a mesma coisa.

A luz amargura? A lua pode ser vibrátil e também pode ser sofrida de si. Ela está lá. Amargurada lua. Se espreme em crateras pra expressar luz no espaço.

"Nada é orgânico, é tudo programado", (Admirável Chip Novo - Pitty). A lunaridade da luz é uma tecnologia da percepção que é viva porque adormece e acalanta, mas não é adormecida nem acabada.

A temporalidade lunar é uma luz lenta. Iluminação penetrável. Visualidade porosa.

Lunaridade é luz pra se desmontar. Ver o dentro.

Sobre o dossiê Ritos da Luz: encantarias técnicas, feitiços teóricos e magias práticas.

A revista em seu terceiro número abriu chamada para submissões de trabalhos tendo como tema *Ritos da Luz: encantarias técnicas, feitiços teóricos e magias práticas*. A proposta ecoou pelos diversos setores acadêmicos e artísticos em todas as regiões do País. Este terceiro número contém 07 trabalhos — entrevistas, artigos, fluxo contínuo e continuando a abrir foco para o artista da prática a sessão Memorial de Criação Cenográfica redireciona para o meio acadêmico os relatos e desenhos que acompanham o profissional da prática em suas criações cotidianas.

Sobre as entrevistas: 02 (dois) profissionais da área de iluminação cênica foram convidados a expor seus feitos e aprendizados. **"A atuação do Lighting Designer dentro de um Laboratório universitário de iluminação: uma entrevista com Valmir Perez"**. Depoimento



concedido a Camila Tiago e Ivo Godois que fala do percurso de um iluminado, Lighting Designer e técnico de iluminação na construção de uma das referências brasileira em laboratório de iluminação cênica integrada aos cursos de artes Cênicas universitários. **“Irma Vidal - Uma viagem pela profissão de iluminadora cênica”**, Depoimento concedido a Natasha Kerolen Leite da Silva e Priscila Costa que fala sobre o percurso e reconhecida de uma mulher iluminadora em sua trajetória de mais de 40 anos pelos palcos afirmando uma representatividade técnica feminina no *backstage*, compartilha seus caminhos na iluminação cênica e conversa sobre sua experiência nos bastidores pelo mundo.

Sobre os artigos: 03 (três) trabalhos são enquadrados nessa área por submissão. Abordam os mais variados enfoques sobre a temática proposta e tratam de temas como: **“O iluminador xamã, bricoleur cósmico e o olhar índio da criança no teatro infantil”** de Fernanda Guimarães Mattos de Souza; **“Pensamentos inacabados sobre o escuro OU por uma poética da escuridão no teatro”**, de Tuany Fagunder Rausch; **“A luz-paisagem nos atravessamentos da cidade: até onde chegam os olhos?”**, de Laura de Paula Rezende, Geraldo Saldanha Espindola e Berilo Luigi Deiró Nosella.

Sobre Fluxo Contínuo: A Revista inaugura seu processo de aceite de trabalho em Fluxo contínuo e 01 trabalho foi apresentado nesta linha, denominado **“A DÉCADA DE 1970 E A CENOGRAFIA NO MARANHÃO, uma descrição dos principais espetáculos”**, de Tácito Freire Borralho.

Sobre o Memorial de criação cenográfica: A convidada a apresentar seu trabalho foi Sinésia Ventura. Trata-se de seu **“MEMORIAL DE CRIAÇÃO PARA O PROJETO (IM)POSIÇÕES”**, e fala sobre o processo de criação de luz para um espetáculo de dança que se desenvolve a partir da mistura das técnicas de parkour e dança como forma de explorar movimentos e a resistência física do corpo dos bailarinos, se desdobrando entre técnicas e temáticas da sociedade atual.

Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC
Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas – PPGAC
Centro de Arte – CEART
A Luz em Cena – Revista de Pedagogias e Poéticas Cenográficas
aluzemcena.ceart@udesc.br